

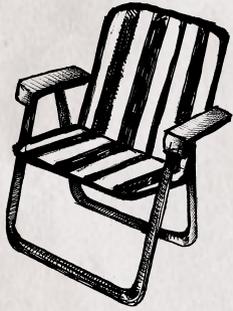
As inscrições da branquitude no espaço do Apartheid:

**a partir do livro “White papers, black
marks – architecture, race, culture”,
de Lesley Naa Norle Lokko¹**

A piece of crumpled white paper is shown against a white background. The paper is framed by a thick, hand-drawn black border. A solid black horizontal bar is positioned across the middle of the paper, containing the name 'Ana Rita Alves' in white, bold, sans-serif font. Below the name, the text 'CES-Coimbra' is written in a smaller, black, sans-serif font.

Ana Rita Alves

CES-Coimbra



Há territórios de perda, territórios assombrados, onde *ser humano* significa criar vida ante políticas de morte. Muitas são as pessoas que não os habitam e que (não) os conhecem, tantas vezes com *mediação*, dado que as suas paredes servem exatamente "para confinar, dentro, aqueles que não têm poder e para perpetuar a sua opressão"(CLARK, 1989, p.11),² numa dialética permanente de hipervisibilidade e invisibilização. É assim que o espaço tem vindo a ordenar o racial, fixando "categorias de continuidade, segmentação e desumanização por meio do traçado de uma linha de cor" da qual nos falavam já Frederick Douglass, em 1881, ou W.E.B. Du Bois, em 1899 (ALVES, 2021, p. 26). Esta linha "colonial, abissal (SANTOS, 2007) " tem sido saturada através da espetacularização e pela bestialização e criminalização do corpo negro, reproduzindo zonas do (não-)ser (FANON, 2008).

Fundada na violência espacial que se traduziu na desapropriação, no deslocamento forçado e no genocídio de populações negras, indígenas ou Roma/ciganas, a modernidade europeia garantiu a ocultação da violência (territorial) na qual se fundou, em particular através da produção de uma *certa* memória sobre o processo colonial (DUSSEL, 1993), para a qual disciplinas como a história, a antropologia ou mesmo a arquitetura se revelaram essenciais. Por isso mesmo, foi, em grande medida, através da produção de conhecimento e da uni-versidade eurocêntrica, da qual nos fala Ramón Grosfoguel (2013), que se reproduziu e reproduz a *colonialidade do poder* (QUIJANO, 2000).

Por tudo isto, foi com particular entusiasmo que fo-lheeí, pela primeira vez, o livro editado, há mais de duas décadas, pela arquiteta e romancista Lesley Naa Norle Lokko. Confesso que não só desconhecia por completo a obra, como, há muito, me interrogava sobre a ausência de uma discussão, no seio da disciplina de arquitetura, capaz

LAJE

v.2 n.2
p. 430-439
2023

ISSN: 2965-4904

de centralizar a raça como categoria política de análise, sendo certo o modo como esta tem contribuído, de forma inequívoca, para tornar o espaço (urbano) produto, por excelência, das tecnologias raciais de representação (GOLDBERG, 1993). De facto, arquitetar e produzir espaços, lugares " fazer da forma fantasma; ancorar e canonizar o olhar, o desenho, a técnica e a estética a partir da branquitude " edificando-a horizonte e tornando-a linguagem e, assim, imprimir a raça na praça " tem sido, em grande medida, o labor da disciplina de arquitetura. Não podendo escrever sobre o que não sei, devo dizer que olho a arquitetura, o planeamento urbano, bem como as suas racionalidades e consequências, a partir de outras lentes, em particular as da antropologia e as dos estudos críticos de raça. A última, tem auxiliado a primeira, a antropologia " herdeira, por excelência, do processo colonial " desvelando a forma como o racismo estrutural se reproduz nas sociedades contemporâneas, em particular através da produção de legislação, de políticas públicas e de conhecimento académico. De qualquer forma, ambas são lentes que, tal como as da arquitetura, utilizam escalas diversas, jogam com a diminuição e a ampliação da realidade de forma relacional, procurando, deste modo, discorrer sobre ela e entendê-la, face ao que se lê e ao que se vê. Talvez por tudo isso, ler pela primeira vez um livro desperta sempre em nós outras leituras, antigas, marcantes e este não foi exceção. Recordo-me como, de imediato, esta obra me evocou o trabalho de Avery Gordon, já que se trata de uma obra fantasmagórica se entendermos que "estar assombrado é estar ligado a efeitos históricos e sociais"(-GORDON, 2008, p. 190), é ser presente como herança e legado, como ruína. E é esse que entendo ser o apelo que nos traz, nos seus treze contributos, a obra *White Papers, Black Marks: Architecture, Race, Culture* (2000): que se volte atrás, sem poder fazê-lo; que se arranque no presente, do passado, possibilidades de repensar o repertório colonial em toda a sua amplitude e que se redesenhe, se retrace; que se entenda o pós-colonialismo como dizimação e desapropriação, e assim se possa enquadrar a diáspora como uma deslocalização forçada.

Partindo de uma pluralidade de vozes, temáticas, perspetivas e linguagens, e de um conjunto de contextos " do Gana aos Estados Unidos da América, da Nigéria aos Camarões " este livro interroga-nos sobre a pertinência de reconsiderar, com carácter de urgência, a interseção entre arquitetura e raça, questionando o modo como o cânone disciplinar tem contribuído para edificar (e, simultaneamente, silenciar) o *trabalho da raça* " ou seja, "a racionalização e efetivação de arranjos sociais de poder, exploração, expropriação e violência"legitimados pela reprodução do pensamento racial (GOLDBERG, 2009, p. 4). Para tal, o livro indaga sobre a importância da raça no estudo da arquitetura e na modelação do meio edificado e sobre o modo como ao

fazer, utilizar e estudar arquitetura, a raça importa ou, se caso não importe, deveria importar (LOKKO, 2000, p. 35). Abrir este debate requer, inevitavelmente, um retorno ao modo como o passado " do colonialismo à escravização racial " se inscreve na contemporaneidade, seja através da *condição pós-colonial*, que Lesley Lokko entende como um termo complexo, híbrido e tantas vezes instável: um "conjunto de locais e momentos históricos", mas também de "perspetivas que nem sempre são coincidentes"(LOKKO, 2000, p. 23); seja através da *diáspora* como evocativa da "condição geral dos povos deslocados e dispersos por todo o mundo"(idem, p. 24).

De acordo com Lokko, tanto a *condição pós-colonial* como a *diáspora* são conceitos que adquirem significados espaciais e temporais, são pilares para analisar como, quem e para quem se faz, hoje, a arquitetura. Tal abre, inevitavelmente, um debate sobre "quem pode falar", "quais são as implicações sociais, culturais, e sempre políticas, de "dar" voz"; sobre quem tem autoridade para "'dar" voz" e sobre "quem a toma" e "como a toma" indagando a ausência de arquitetos/as negros/as, e deixando espaço para pensar a persistência de formas de *apartheid epistémico* (RABAKA, 2010) que têm contribuído para silenciar tanto a autoria negra como o racismo no seio da academia, aqui, em particular nos debates sobre a disciplina de arquitetura. Tais reflexões tornam imperioso questionar, no limite, qual tem sido o propósito da arquitetura " para que serve e a quem serve. E, se, tal como levantado por Lokko, esta tiver vindo a servir para "impor sinais ocultos de superioridade racial (espacial) e hegemonia cultural" é essencial que se perceba "como é que se pode libertar a sua linguagem dessas correntes" e "quais são as oportunidades e atalhos metafóricos, físicos, materiais e espaciais à disposição [em particular] do arquiteto negro, que luta com e através desta linguagem e história"(LOKKO, 2000, p.29). Por outras palavras, questionando-se se será a arquitetura capaz, à imagem de outras produções culturais como a música, de desafiar o paradigma eurocêntrico (LOKKO, 2000). E, para tal, o livro convida-nos a "construir um novo conjunto de prazeres, a reivindicar certas histórias como desejáveis e " mais do que tudo " a autorizar" para que se possa apontar "um novo conjunto de possibilidades" que considere "a necessidade urgente de estabelecer tudo isto " da "raça" à "identidade" " como territórios válidos, totalmente "operacionais" de exploração arquitetónica" e "a necessidade igualmente urgente de trazer estes territórios para o discurso arquitetónico dominante"(LOKKO, 2000, p.34).

De modo a atender a todas estas problemáticas e demandas, a obra divide-se em três partes " três escalas " que ensaiam aproximações de arquitetos/as, planeado-

res/as ou designers a este debate, deixando entrever como a representação (pode) acontece(r), na arquitetura.

A primeira secção, "1:125,000 " Ângulos Urbanos" fala-nos a partir da escala mais amplamente explorada no que toca a literatura existente em torno "do"espaço" pós-colonial, migração, deslocamento e arquitetura"(LOKKO, 2000, p. 37). Esta secção é inaugurada com o artigo "A face colonial do Espaço Educativo" de N. Ola Uduku, que explora o modo como o desenho e a forma se constituem como manifestações transversais do poder colonial no Gana, na Nigéria ou na África do Sul, analisando a dimensão simbólica dos espaços edificados na perpetuação do eurocentrismo no espaço educativo. E, de como, perante isto, é essencial contestar e confrontar o passado para reclamar o futuro. Em seguida o debate estende-se ao planeamento urbano com o texto "Desenvolvimento Urbano do Apartheid" de Malindi Neluheni, que discorre sobre o modo como o cânone tem redesenhado e reproduzido a branquitude. Matéria ideológica de facto, o planeamento urbano é aqui entendido e analisado como político e exclusionário, como forma global de *governamentalidade racializada* (Hesse, 2007), que contribuiu para a circulação de imagens globais sobre a relação entre raça e espaço. Num contexto de precariedade habitacional, como regra, as pessoas negras vivem muitas vezes naquilo que Kwasi Boateng e Chris Nasah designaram, no seu capítulo, como "Lugares de Perigo Vivo", fruto de modelos de desenvolvimento eurocêntricos, em que a vida é subsumida às premissas radicais do *capitalismo racial*. Neste sentido, "as cidades são, por excelência, repositório e síntese das geografias do capital"(ALVES, 2021, p. 26), e é isso mesmo que se desvela no artigo "O Enquadramento e a teia: a outra cidade" de Michael Stanton, no qual as cidades são entendidas como espaços ideológicos, que ilustram a cultura racializada que as produziu: espaços que são fruto de processos migratórios que lhe deram vida e se constituem, essencialmente, como antinegros e carcerários.—Nesse sentido, um conjunto de práticas de resistência, cantadas e dançadas, são testemunhos vivos e críticos das forças institucionais que constituem o espaço urbano " que deseja e que expulsa, desloca, acantona " mas atestam também a vida fragmentária de quem vive e faz cidade quotidianamente, tal como é narrado por Ana Betancour e Peter Hasdell no capítulo "Tango: uma coreografia do deslocamento/expulsão urbana".

A segunda secção do livro, "1: 1,250 " Deslocamento/Diáspora" é descrita como uma secção desconfortável. Uma escala intermédia (nem ampla, nem detalhada) reflete tanto a condição híbrida dos seus autores, "imediatamente removido de, ainda ligado à condição de diáspora"(LOKKO, 2000, p. 177) como dos seus conteúdos e



contextos, que se demoram em discussões sobre autenticidade, representação e identidade, bem como as possibilidades criativas que advêm dessa condição. Assim na pesquisa/investigação de Edward Lhejirika, que dá corpo ao texto "Continuidade Intensiva", é explorada a arquitetura como movimento, como algo que não se limita a ser produto, mas que é sim processo, fruto de processos culturais diversos que dão e são contexto do paradigma arquitetônico (branco) mas, que podem, como a cultura, ser mutáveis " podendo tornar-se também afrodescentes. Já em "Corpos Negros, Espaço Negro: um-Espetáculo à Espera", J. Yolande Daniels mostra-nos como é, através da ordenação do espaço da diáspora negra, que se fixa e encarcera a negritude no corpo, e o corpo negro como *abjeto*, localizando a existência negra historicamente nas margens, como margem, à margem da humanidade, na bestialidade, através da espetacularidade " numa dialética de imposição e de oposição " que constitui a branquitude no centro, como centro (do poder). Mas, não obstante, a arquitetura pode também ensaiar o contacto, o deslocamento referencial, como narram Jane M. Jacobs, Mathilde Lochert e Kim Dovey no artigo "Autorizando a Aboriginalidade na Architectura". No contexto australiano e a partir da análise do processo de edificação de um conjunto de edifícios, as autoras questionam a intenção do contacto e quem o comanda, o seu propósito e a apropriação de referenciais culturais e cosmologias aborígenes numa sociedade nascida do colonialismo de povoamento branco, e por isso fundada na violência espacial, por excelência. Neste cenário, parece que a única forma será mesmo encarar o passado como possibilidade, procurar outras referências, que partam de "uma estrutura de ritmo dinâmica de idiomas musicais africanos abertos que abraçam a diferença, a polivocalidade e a improvisação" capazes de conduzir a arquitetura a uma inovação radical"(LOKKO, 2000, p. 181).

A secção 3, "1:1 " Um para um" é focada no detalhe, no íntimo, numa interpretação mais elástica da arquitetura e daquilo de que esta é "feita" " e nela, a noção de raça é utilizada pelos autores de forma experimental, no seu sentido mais amplo: "os ensaios criticam não só a condição material da"raça", mas também a noção de prática"(LOKKO, 2000, p. 279). Assim, nos três últimos capítulos do livro, "Paris Feito Ardido" de Mitchell Squire, "Nada vermelho venha a Casa" de Imogen Kouao"s e "(des)Cobrir/(re)Cobrir"-de Felicia Davis, explora-se " através de investigações visuais, textuais, de diários, correspondência e do design " novas paisagens semânticas, a partir de uma análise concisa das antigas, reclamando a coletivização do debate e dos processos artísticos. Num contexto em que se entende que as cidades se erguem sobre ruínas, estas são resultado e consequência do passado, são cemitérios a partir dos quais se podem reconfigurar possibilidades, e *quicá* imaginar outros futuros, a partir da negritude.

O livro "Livros Brancos, Marcas Negras: Arquitectura, Raça, Cultura" de Lesley Lokko é isto e muito mais, é também o que lhe falta, o que está omissa; são possibilidades de início, é a urgência da descolonização do saber e do ser, é um questionamento profundo de *por quem e para quem* é a arquitetura; é a arquitetura como pensamento e como mapa mental, como estrutura e poder. É um livro que nos conta como se contam histórias, através do desenho e do edificado e, acima de tudo, como se inscreve a branquitude no espaço público, como se narra a raça sem jamais mencioná-la, como se apropria, se impõe, se desumaniza, se privilegia. Este livro é sobre a arquitetura como espaço de tensão e disputa mas poderia ser sobre qualquer outra área disciplinar; é um início de conversa corajoso, urgente, para que se mudem os termos da conversa, para que se mudem as mãos que traçam, as vozes e a semântica que narram, as metodologias que cozem " e talvez, só talvez, isso signifique que se tenha que deitar tudo abaixo e recomeçar de novo, certo sendo que não basta que se acrescente, é preciso que se mude radicalmente o paradigma que contribuiu e silencia a perpetuação da violência racial/espacial na contemporaneidade.

Notas

1 (Nota dos editores [N.E.]): Esta resenha foi escrita no português de Portugal. Os editores decidiram acolher neste dossiê as múltiplas grafias da língua portuguesa, conforme é escrita em cada um dos países lusófonos

2 As traduções das diversas citações ao longo do texto são da autora.

Referências

ALVES, A. **Quando Ninguém Podia Ficar: Racismo, Habitação e Território**. Lisboa: Tigre de Papel, 2021.

DOUGLASS, F. The Color Line. **The North American Review**, 132 (295): 567-577, 1881.

DUSSEL, E. Eurocentrism and Modernity (Introduction to the Frankfurt Lectures). **The**

Postmodernism Debate in Latin America, 20 (3): 65-76, 1993.

DU BOIS, W. **The Philadelphia Negro: A Social Study**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1899.

CLARK, K. **The Dark Ghetto: Dilemmas of Social Power**. Hanover: Wesleyan University Press, 1989.

FANON, F. **Black Skin, White Masks**. London: Pluto Press, 2008.

GOLDBERG, D. **Racist Culture: Philosophy and the Politics of Meaning**. Massachusetts & Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

GOLDBERG, D. **The Threat of Race: Reflections on Racial Neoliberalism**. USA, UK & Australia: Blackwell Publishing, 2009.

GORDON, A. **Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination**. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 2008.

GROSGUÉL, R. The Structure of Knowledge in Westernized Universities: Epistemic Racism/Sexism and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century. **Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, XI (1): 73-90, 2013.

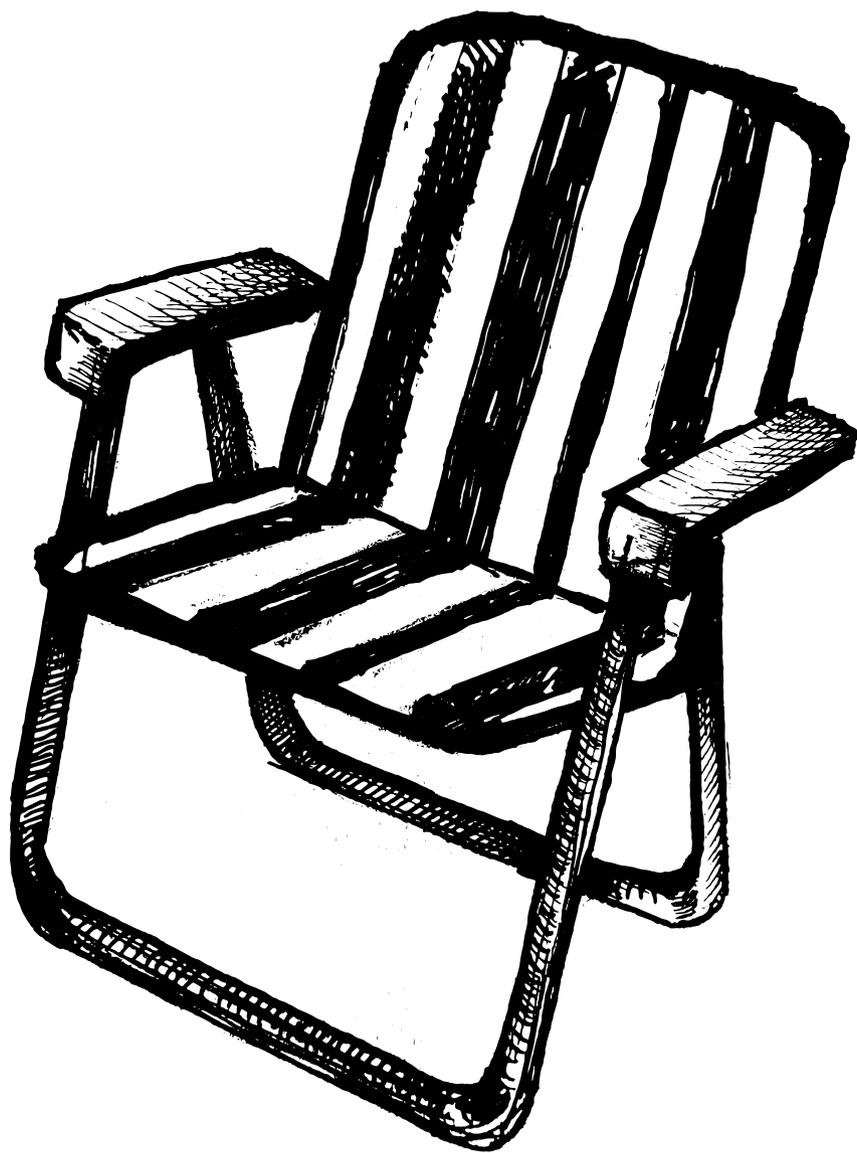
HESSE, B. Racialized modernity: An analytics of white mythologies. **Ethnic and Racial Studies**, 30 (4): 643-663, 2007.

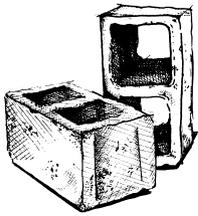
LOKKO, L. N. N. (Org.). **White Papers, Black Marks: Architecture, Race, Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

RABAKA, R. **Against Epistemic Apartheid. W.E.B. Du Bois and the Disciplinary Decadence of Sociology**. United Kingdom: Lexington Books, 2010.

SANTOS, B. Beyond Abyssal Thinking: From Global Lines to Ecologies of Knowledges, **Review**, XXX (1): 45-89, 2007.

QUIJANO, A. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. **Nepantla: Views from South**, 1 (3): p. 533-580, 2000.

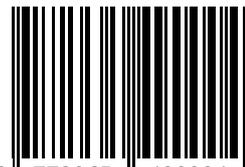




LAJE

Laje é uma publicação semestral do iDALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços, grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Dedicase ao giro decolonial latino-americano, às epistemologias do sul e à descolonização do conhecimento, priorizando uma produção transdisciplinar em interseção com diferentes dimensões do urbanismo, da paisagem e da arquitetura.

ISSN: 2965-4904



9 772965 490004

ISSN: 2965-4904